

OS SERTÕES: A NAÇÃO FICCIONALIZADA

Maria Zilda Ferreira Cury
UFMG

O nosso Conselheiro disse que aqueles que não vierem para cá se perderão, pois agora chegou a hora do Salvador.(...) a destruição dos republicanos já começou e por cinco léguas não há uma só casa que o Conselheiro tenha mandado derrubar que ainda esteja em pé. Não se arrisque sem necessidade...

(Carta de Antônio José Lisboa
ao Sr. Venceslau Dutra)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.-B., *Vocabulário da psicanálise*. Lisboa: Moraes editores, 1976.
McDOUGALL, Joyce, *Théatres du Je*. Paris, Gallimard, 1982.
POMPEIA, Raul. *Obras*. Afrônio Coutinho (arg.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/OLAC/ FENAME, Vol. I. 1981.
_____. Vol. II. *O Ateneu*. 1981.
_____. Vol. III. *Contos*. 1981.
_____. Vol. IX. *Crônicas 4*. 1983.
_____. Vol. VI. *Crônicas 1*. 1982.
_____. Vol. VII. *Crônicas 2*. 1983.
PONTES, Eloy. *A vida inquieta de Raul Pompéia*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editara, 1935.
RAMOS, Mário Luiz. Documento e fantasma em O Ateneu. *Ensaios de semiótica FALE/UFMG*, Belo Horizonte: n.26 1993.
_____. *Psicologia e estética de Raul Pompéia*. Belo Horizonte: ed.pr., 1957.
_____. *Psicose e ficção. Anais - 1ª e 2ª Simpósios de Literatura Comparada*. FALE/UFMG, Belo Horizonte: v.1, 1987.
_____. Reflexões sobre os estudos literários. *Revista de Estudos de Literatura*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1994.
WINNICTOTT, D.W. *Holderlin e interpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

RESUMO:

Os Sertões, de Euclides da Cunha é um dos livros considerados como uma referência na Literatura Brasileira, organizando ficcionalmente elementos poderosos do meio social e profundos sentimentos de nossa cultura.

Apesar disso, é um livro que paradoxalmente nos apresenta a face dilacerada da nação.

Este texto coloca a questão do sucesso contemporâneo alcançado pelo livro.

PALAVRAS-CHAVE:

Modernização na América Latina, Canudos, Euclides da Cunha, Nação.

Modernização é uma palavra de significado vazio. Especialmente na América Latina, com sua tradição política autoritária, os processos de modernização, mesmo quando representam algum avanço social, são freqüentemente preenchidos com um sentido concebido autoritariamente, de cima para baixo. Esse é um ponto que recorre, inclusive, quando se olham as conquistas do mundo atual, marcado pela globalização e pelo multiculturalismo.

Os Sertões, de Euclides da Cunha, é um texto representativo de um dos vários processos de modernização ocorridos no Brasil. Como tantos outros no país, também a onda modernizadora trazida pela República se deu de modo não democrático. Falando sobre o palco do dia 15 de novembro, José Murilo de Carvalho, por exemplo, diz que dele não participou o povo, que apenas seguiu os acontecimentos, embora com curiosidade e respondendo aos vivas proclamados pela parada militar:

Não houve tomadas de bastilha, marchas sobre Versalhes nem ações heróicas. O povo estava fora do roteiro da proclamação, fosse este militar ou civil (...). O único exemplar de iniciativa popular ocorreu no final da parada militar, quando as tropas do Exército deixavam o Arsenal da Marinha para regressar aos quartéis. Os populares que acompanhavam a parada pediram a Lopes Trovão que lhes pagasse um trago. A conta de quarenta mil-réis acabou caindo nas costas do taverneiro, pois Lopes Trovão só tinha onze mil-réis no bolso. O anônimo comerciante tornou-se, sem querer, o melhor símbolo do papel do povo no novo regime: aquele que paga a conta.¹

Desse processo modernizador, *Os Sertões* é ponto de inflexão.

Os Sertões é considerado, também e incontestavelmente, um clássico da literatura brasileira.

Diz Harold Bloom que, quando nos defrontamos com uma obra canônica pela primeira vez, “encontra-se mais um estranho, uma surpresa misteriosa, do que uma realização de expectativas.”² A perplexidade de que nos fala o crítico norte-americano advém, provavelmente, do lugar “já garantido” que tal texto ocupa na cultura ou no imaginário social de determinado grupo. Mesmo se não o tivermos lido, ele permanece como uma superfície, às vezes, o horizonte de um desejo adiado, mas sempre uma referência. Por sua vez, Italo Calvino define como clássico um livro que, nunca pondo termo ao que tem a dizer, vem até nós trazendo fortemente as marcas de leituras anteriores, como as que imprimiu na cultura que atravessou e que persistentemente, como um rumor, se faz ouvir no presente, mesmo numa época profundamente diferente

daquela em que foi criado³. Assim, o texto que convencionamos chamar “clássico” representa em si um convite, às vezes, até insistente, a novos olhares que o desalojem de uma tradição petrificadora. É aquele texto capaz de suscitar interpretações sem fim⁴, que responde a perguntas feitas pelos outros homens — de um modo sempre cambiante — sem afastar a necessidade pessoal do escritor no momento em que as colocava para si⁵. Deve-se acrescentar que um clássico não o é somente por seus valores particulares ou intrínsecos, mas pelos questionamentos que pode nos fazer e para os quais não temos respostas definitivas e que podem, ademais, ser atualizados por diferentes leitores, transcendendo os limites de sua cultura, de seu tempo e os da língua em que foi escrito.

Os Sertões encontra-se entre aqueles livros considerados de referência, já de alguma forma canonizados na historiografia literária, ficcionalmente organizando forças entranhadas do meio social. Publicado em 1902, conheceu sucesso editorial imediato, transformando-se em leitura obrigatória para os estudiosos da literatura e da cultura brasileiras, tomado quase como um marco fundador da nação, por seu enquadramento épico, por sua característica de saga da nacionalidade.

Neste ano de 1997, em razão do centenário do final do conflito de Canudos, *Os Sertões* vem ganhando um espaço maior na imprensa brasileira, com lançamento de livros sobre o episódio e sobre o texto de Euclides, tendo sido escolhido como tema de um filme e de mais de um documentário. Mas o livro não tem chamado a atenção somente no Brasil. Em 1993, recebeu uma nova edição em francês⁶. Foi traduzido para o alemão e publicado pela editora Suhrkamp, em 1994, despertando grande interesse, transformando-se no maior sucesso de crítica já alcançado por um livro brasileiro na Alemanha. Em janeiro de 1995, aparecia em terceiro lugar na lista dos melhores livros do ano anterior, escolhidos pelos trinta mais importantes críticos alemães. Será em breve traduzido por editoras britânicas (Bloomsbury, Boulevard Books e Picador) em parceria com o governo brasileiro. Retomado pelo *Transertões* de Augusto de Campos, que recria em versos a obra-prima de Euclides da Cunha, também o foi pelo escritor peruano Vargas Llosa em *A Guerra do Fim do Mundo*:

1. CARVALHO, 1990, p. 53.

2. BLOOM, 1995, p. 13.

3. CALVINO, 1993.

4. BORGES, 1968, p. 304-305.

5. Cf. PAZ, 1990.

6. Cf. CUNHA, 1993.

É evidente o diálogo estreito que sua obra narrativa *A guerra do fim do mundo* mantém com *Os Sertões*, de Euclides da Cunha e com outros escritos e documentos sobre Canudos. Mas, a relação intertextual se dá igualmente com a “história”, uma vez que o texto busca reconstruir a “memória” da revolução, ainda impressionantemente viva na lembrança sofrida dos atuais habitantes da região.⁷

O trabalho com um texto como esse de Euclides da Cunha guarda muitos desafios. Em primeiro lugar, porque há que se recuperar, para situá-lo, as matrizes européias e nacionais do seu pensamento. Depois, por não ser um texto de fácil leitura, vazado em linguagem científica.

Pode-se perguntar, então, o porquê de tão grande interesse em semelhante livro, de vocabulário difícil, ancorado em teorias do final do século já desacreditadas pelo pensamento contemporâneo. Provavelmente isso ocorra porque o livro recoloca inúmeras questões para o mundo de hoje, revelando-se no frescor de sua atualidade. É um pouco tentando responder a essa questão que este texto quer se construir.

No livro, é narrada a história do conflito ocorrido no fim do século XIX, em Canudos, povoado do sertão da Bahia, região extremamente árida e onde, ainda hoje, convive-se com a miséria e com os frequentes desmandos políticos. Ali reuniu-se, em finais do século passado, um contingente de fanáticos religiosos liderados por Antonio Conselheiro, considerado santo, um dos tantos beatos que cruzavam e cruzam ainda hoje o sertão nordestino. Eram contrários à República. Na verdade, eram contra certas medidas tomadas pelo novo governo como o aumento abusivo de impostos e o sistema de pesos e medidas que prejudicavam os mais pobres. Mas, principalmente, eram contrários à separação Igreja/Estado imposta pela nova ordem política, que instituiu, entre outras coisas, o casamento civil e o registro de mortes e nascimentos. Extremamente miseráveis, cegamente fiéis ao líder religioso, fortemente místicos, os habitantes do pequeno povoado consideravam a República a encarnação do Anticristo, despertando o medo e a ira dos poderes dominantes. Antonio Conselheiro reuniu trinta mil rebeldes. Ainda que com poucos e primitivos recursos, enfrentaram e venceram sucessivos contingentes de soldados do exército, até terem sua cidade destruída e serem barbaramente exterminados em 1897.

7. CURY, 1982.p.118.

Como correspondente de um jornal do sul do país, Euclides vai para a área do conflito, de onde envia suas reportagens. O país se assustava com a rebelião, usada, inclusive, como justificativa política para a perseguição aos monarquistas que ainda restavam na capital da República. Cinco anos depois de terminado o conflito, transforma suas reportagens em livro. Mas o intervalo entre as reportagens e a escrita do livro já apresenta um Euclides escritor muito diverso do Euclides repórter. No período que medeia as notas feitas durante a campanha e a publicação do livro, o autor constrói um andaime de conhecimentos especializados para sustentar suas idéias, calcadas no cientificismo e nas teorias racialistas tão hegemonicamente disseminadas à época. Por um outro lado, também já se encontrava desiludido com a República que tanto defendeu nos seus inícios. Como ocorrera com boa parte da intelectualidade brasileira, também Euclides — um republicano de primeira hora — percebe os desmandos dos poderes republicanos, mais voltados para a defesa dos interesses de grupos no poder.

Na primeira parte do livro – A Terra – descreve o sertão com o rigor científico de um geógrafo, de um geólogo. Mas já deixa transparecer na linguagem as grandes contradições que o livro vai encenar, uma vez que da descrição ressalta a força da terra, o desejo de expressar a nação através da natureza.

Os intelectuais contemporâneos de Euclides, como ele próprio, eram, na maioria, formados no sul do país, mais rico e mais desenvolvido. Se assim não era, escreviam a partir do Rio de Janeiro, no cenário da rua do Ouvidor. Todos se impõem a tarefa de mostrar o país como uma totalidade, como um todo sem fissuras que comprometessem a nacionalidade. A descoberta do sertão é, assim, um choque para Euclides. A terra é apresentada para o leitor com uma energia tal que desafia os estereótipos científicos de explicação. Revela-se um espaço contraditório, que o narrador não consegue apreender e nem reconhecer como seu, ao mesmo tempo que, forçosamente, há que ser integrado no todo da nação⁸. A geração intelectual de 1870, semelhantemente à anterior geração romântica, visa a traçar o perfil do homem brasileiro, só que agora sob a égide da ciência.

Segundo as teorias científicas do período, o meio moldaria o homem, que seria um resultado dos condicionamentos do clima, das condições geográficas em geral. Presentes na literatura da época, também aqui, para se explicar o atraso, a miséria, o fanatismo religioso, são ressaltados os determinismos: psicológico, geográfico, físico, climático.

8. O caráter inapreensível do espaço dos sertões faz lembrar outro mágico criador: Guimarães Rosa.

Na segunda parte – O Homem – o princípio basilar de Euclides é o da condicionante racial. Sempre segundo as teorias da época, considera a miscigenação prejudicial em si. O Brasil, para modernizar-se, para poder fazer parte das nações desenvolvidas, teria de submeter sua população a um processo de branqueamento uma vez que a raça negra influiria de modo negativo nos cruzamentos em que ocorresse. A essa população cumpria “educar”, levando-lhe os benefícios e a modernidade da “civilização”. Como diz Angel Rama⁹, para ser o receptáculo possível das fontes culturais européias, a partir das quais se construiria a sociedade civilizada, havia que se submeter o vasto território selvagem da América, impondo-lhe as normas de uma cultura urbana e letrada. A segunda parte do livro expõe, então, a luta de raças, explicando o indivíduo pelo seu corpo, “medicalizando” a cultura, opondo o homem do sertão ao homem do litoral, já que a raça negra, predominante nos sertões, era considerada inferior e seria destinada somente ao trabalho. O raciocínio decorrente seria que, sob o clima tropical, com um povo miscigenado, não seria possível forma adiantada de organização social, econômica e política, argumento claramente justificador da dominação colonial e dos regimes autoritários.

Influenciado pelo darwinismo, o livro fala em “seleção natural”. De Conselheiro, o líder religioso, são destacados aspectos mórbidos, doentios e, muitas vezes, é ele chamado de louco, de “doente grave”. A classificação que Euclides da Cunha faz da loucura revela a grande influência que sofreu da ideologia da época, principalmente do positivismo, que fez da loucura um dos mais importantes objetos de estudo. Francamente baseado em Lombroso, estudioso italiano que traçara uma teoria sobre a especificidade dos caracteres físicos e mentais dos criminosos, o autor procura detalhar o aspecto físico dos seguidores do Conselheiro. Loucura, degeneração e banditismo se misturam como traços de um mesmo perfil. Ainda segundo as teorias de Lombroso, a miscigenação e o clima muito quente também seriam fatores de grande influência sobre a criminalidade e levariam o homem primitivo a considerar o louco um objeto de veneração. Para Euclides, o clima excessivamente quente dos sertões geraria desequilibrados nervosos, formando uma sociedade primitiva que, cegamente, estaria propensa a seguir um líder fanático. Muito pouco se fala de causas sociais ou do respeito democrático à diferença. Aquilo que é diferente aos olhos do escritor urbano revela-se como anormal, como doença, apenas como fanatismo cego:

É que Euclides acaba sacrificando a religião dos canudenses no altar da honorabilidade nacional, resolvendo dessa forma o impasse interpretativo dos terríveis acontecimentos. Só assim a elite do país consegue recuperar-se do trauma causado pela memória de uma ação tão covarde por parte do governo contra uma comunidade de pobres sertanejos.¹⁰

O fenômeno das multidões urbanas que povoava o imaginário do século XIX, sobretudo no que se refere ao seu pretense comportamento anormal, é aqui fortalecido pelo temor ao fanatismo religioso. De acordo com o psiquiatra inglês Henry Maudsley (*Crime and Madness*) — uma referência teórica muito importante no período e referido explicitamente no livro — a inclinação para o crime é hereditária e os criminosos e os loucos eram considerados degenerados, com traços físicos e mentais que os distinguem das pessoas normais. Mas suas idéias também englobam conceitos de involução, de retrogradação de certos grupos sociais, “medicalizando” com essa visão o campo conflituoso da História.

Com essas idéias pré-concebidas, montado o cenário e descritos os participantes, a luta passa a ser entendida como a rebelião dos que foram deixados para trás na história e que não poderiam ter outro destino a não ser a destruição. Descreve a rebelião e como os estrategistas do exército, com seus armamentos sofisticados, foram vencidos várias vezes pelos jagunços, sertanejos ignorantes segundo a visão construída a partir do litoral. Diante do comportamento muitas vezes cheio de dignidade e coragem daqueles que qualifica como “mestiços degenerados” e, por outro lado, frente às atrocidades cometidas pelos soldados da República, pretensamente defensores da modernidade, Euclides entrelaça dois livros em um: faz a defesa da República, com seu ideal de progresso e modernidade, mas tem que reconhecer que os jagunços não são tão degenerados como pensava, uma vez que se apresentam também com coragem e estratégias inteligentes.

A força do discurso de *Os Sertões* situa-se justamente na manutenção da contradição.

Armado com as teorias racialistas e positivistas que caracterizavam a intelectualidade brasileira da passagem do século, acreditava o escritor que a República se instauraria e se expandiria, de modo inevitável, de acordo com as leis gerais da evolução positivista, baseando-se numa concepção da História como força inexorável. Por isso era defensor ardoroso da República. Em

9. RAMA, 1995.

10. HOORNAERT, 1997. p. 6.

Canudos, porém, defronta-se com a realidade de um Brasil inesperadamente diferente. A partir da observação da terra e dos sertanejos, do convívio com o exército, relativiza as noções cientificistas, muitas vezes dando-se conta de que os papéis de representantes da barbárie e da civilização se intercambiam entre sertanejos e soldados. Ora heróicos e superiores, ora ignorantes e degenerados, os homens do sertão e do exército repartem os mesmos atributos. O uso pelos soldados, em determinado ponto da narrativa, das roupas abandonadas pelos sertanejos acaba por constituir-se em metáfora da paradoxal indiferenciação entre eles. Assim parece-me que, embora preocupado com a construção de um esquema explicativo para o Brasil e fazendo um esforço de adaptação das teorias européias em que acreditava, defronta-se, na realidade, é com a insuficiência da análise e do esquema teórico que montara. Talvez até à sua revelia, o deslocamento e o desnível entre a realidade que a qualquer custo quer revelar e o que finalmente faz em seu texto transformam em crítica e denúncia um esquema de si justificador do colonialismo, conciliando, assim, contraditoriamente, a defesa da ciência e a perda de confiança nela, a modernidade política trazida pela República e os setores marginalizados do mundo moderno — esses que, para seu espanto, se recusam a entrar na modernidade.

A mestiçagem, antes somente criticada, pois era tida como elemento prejudicial à civilização, agora aparece como realidade perturbadora, transtornando o saber autoritário tão característico da intelectualidade e do grupo social dominante no Brasil. A menção final ao futuro estudo que se faria no crânio de Antônio Conselheiro, por exemplo, longe de coonestar o discurso científico e depois de tudo o que se expôs no livro, soa, ironicamente, para o leitor como crítica. É marcante o fato de que o capitão Moreira César — um dos mais respeitados líderes dos soldados — seja também descrito por Euclides como um degenerado. Por ser epilético, seus atos bárbaros foram expostos sob o enfoque da doença, da loucura. Seu insano e exacerbado patriotismo confere um traço profundamente irônico ao discurso euclidiano ao dialogar criticamente com as tendências nacionalistas da época. Sanidade e loucura são, desse modo, situadas numa zona fluida. Se, por um lado, rejeita o fanatismo religioso dos sertanejos como marca de uma cultura retardatária, por outro, aponta, nos que considerava como baluartes do progresso e da ciência, os traços de barbárie evidenciados no verdadeiro massacre empreendido pelos soldados.

Mesmo permanecendo fiel aos ideais republicanos até o fim, com certeza já se tornara cético em relação ao regime aqui implantado. Parte da intelectualidade brasileira, republicana no início, vai modificar posteriormente

sua postura. Raul Pompéia, um republicano radical de primeira hora, pertencente ao grupo chamado de jacobino, diz num artigo de jornal, dirigindo-se aos fazendeiros de café republicanos: “Vossos barretes frígios não passam de coadores de café”. O barrete frígio é um dos mais significativos símbolos da Revolução Francesa, cuja simbologia foi apropriada pelos republicanos brasileiros na construção do imaginário do novo regime. Invertendo o barrete frígio, transformando-o em coador de café, Pompéia torna evidente a parcialidade política do regime recém-instaurado em favor dos proprietários rurais. Alguns dos nossos escritores, como Lima Barreto, João do Rio e Machado de Assis, vão conseguir enxergar o excluído urbano no interior mesmo da cidade do Rio de Janeiro. Ora, como por fidelidade ao feitiço da geração de 1870 que abraçava o ideal da literatura como missão, como intervenção na vida política e como espaço privilegiado da representação das particularidades brasileiras, Euclides não poderia fechar os olhos para o que estava vendo. Mas as afirmações contraditórias sobre os diferentes personagens que atuam em seu texto fazem dele um espaço de muitas vozes. Mesmo que, talvez à revelia do narrador, vozes outras circulem no texto além das vozes da ciência, da modernidade. Como são essas vozes contraditórias em si mesmas, a resultante literária é a presença constante da figura da antítese, de uma maneira exasperada de escrever, sobretudo na última parte, da enorme tensão dramática do texto até nos trechos mais descritivos. As antíteses conferem enorme força dramática ao literário, não resistindo à expressão da realidade que faz com que a rigidez e a racionalidade com que foram construídas sejam abaladas de forma definitiva.

Por tudo isto, ao tentar uma síntese do Brasil, um todo da nação, depara-se, ao contrário, com a contradição de uma nação esfacelada, com a presença de divisões inconciliáveis. Através do jogo de linguagem da literatura, misturam-se as cartas da História e o narrador acaba desarticulando o arcabouço científico sobre o qual se apoiavam suas teses. O literário aprofunda, transforma e desloca o saber científico que aparece como primeiro justificador do livro.

Volto, agora, à questão inicial: por que tamanho interesse num tal livro? O que estará tal livro dizendo para uma época e para um espaço como os nossos, tão diferentes do tempo e do lugar onde se desenvolveu a “guerra” relatada por Euclides? Se de início defini o livro como um clássico, que leitura nova, marcada pelas questões da contemporaneidade, ele pode nos suscitar?

O próprio autor diz em uma de suas cartas que o escritor do futuro seria necessariamente um polígrafo. Pensando no perfil interdisciplinar que caracteriza as atuais tendências das Ciências Humanas, vê-se a atualidade de

Os Sertões, entroncamento de diversas disciplinas. O livro é simultaneamente considerado obra de Geografia – Euclides o chamou de uma “ficção geográfica” – de estudos da Religião, de Cultura Popular, de Ciências Sociais, de História, de Antropologia, um ponto de inflexão de saberes os mais diversos, mesclando ciência e literatura. Já foi apontado por mais de um estudioso o caráter múltiplo e inclassificável desse livro. O trabalho de ficcionalização nele construído constitui instrumento rico para se pensar os modos de fazer, de dizer e de sentir a sociedade. Assim acontece com o elenco tão feliz de imagens ficcionalizadas do Brasil presentes no texto, evidência de que se pode recuperar a História por muitos caminhos, entre os quais, o literário talvez seja o mais rico.

Hoje, o sucesso editorial do livro deve-se possivelmente ao seu caráter atual com relação a questões que levanta: multiculturalismo, minorias religiosas, saídas políticas para as diferenças sociais e culturais e concepções que põem em dúvida as fronteiras entre sanidade e loucura. Como bem registrou Sérgio Paulo Rouanet¹¹, a leitura de *Os Sertões* guarda extrema atualidade pelos conceitos que constrói de civilização e barbárie, pela simpatia pelos vencidos e pela dúvida sobre a ciência. Euclides desenvolveu, cinquenta anos antes de Adorno ou de Benjamin, a idéia de que a civilização se aproxima da barbárie e não pode a ela opor-se de modo absoluto. Mas, sobretudo numa época de descrença com relação aos paradigmas tradicionais, Rouanet nos diz que aquele proposto por Euclides significa uma alternativa para se reavaliar a questão da identidade.

Um outro aspecto hoje visto como contraditório dentro do processo de multiculturalismo que vivenciamos é justamente o da democratização do acesso aos bens facultados pela modernidade advinda da globalização. Como nos alerta Canclini¹², há que se ter presente que nossa contemporaneidade, caracterizada pela disseminação pós-moderna e pela descentralização democratizadora, também se caracteriza pelas formas mais concentradas de acumulação de poder e centralização transnacional da cultura. Para nós se coloca, hoje, com agudeza, a questão do “para quem” se destinam os bens. Ou seja, se hoje redefinimos os conceitos de nação, povo, identidade não podemos fechar os olhos para as contradições inevitavelmente presentes nos processos multiculturais. Também Euclides defrontou contradição semelhante: o intelectual do Rio de Janeiro, para quem os ideais republicanos eram sinônimo de modernização, quando constata a existência de um amplo contingente de brasileiros aliados do processo, acaba, finalmente, por se perguntar, e até à sua

revelia, que progresso era aquele e a quem estaria servindo. Mesmo com a intenção explicitada de revelar a violência dos sertões, o escritor brasileiro acaba por evidenciar a violência do processo de modernização em geral, que, por ser excludente, desconsidera as diferenças. Apresenta, assim, uma nação compósita, dilacerada, cindida, mesmo que na contracorrente do discurso dominante, que queria vê-la como inteiriça e sem conflitos. No caso desse clássico escrito por Euclides, é a ficcionalização do nacionalismo que introduz a contradição no diálogo intertextual com as teorias racialistas e positivistas que tanto marcaram seus contemporâneos. Sua linguagem – repleta de brasileirismos, de termos indígenas, de expressões populares – é um todo dos mais interessantes. Marca-a constantemente com arcaísmos da fala dos sertanejos, mais tarde recuperados também por Guimarães Rosa. Pode se revelar, pela análise da linguagem, as contradições que a exposição da tese quer ou pretende apagar. Talvez por isso mesmo, como diz Gilberto Freyre, o poeta, o profeta, o artista Euclides redimam os erros do Euclides cientista.

Por outro lado, a sua inclinação pelos vencidos encontra certa ressonância na simpatia contemporânea por todas as minorias oprimidas pela civilização moderna. Ao acabar por, finalmente, colocar em dúvida a capacidade da ciência para enfrentar essas contradições, põe-se em sintonia com a sensibilidade antimoderna e contra-iluminista tão presente hoje. Registre-se que, de sua geração, muito poucos discordaram da voz geral, que incondicionalmente acreditava na ciência¹³.

Outro dado levantado por Rouanet para tentar entender o sucesso atual da obra de Euclides é o interesse contemporâneo por magia e religião – como o fundamentalismo islâmico e as seitas messiânicas – o que faz do misticismo dos jagunços um prato dos mais saborosos para o novo multiculturalismo. Além disso, entende o filósofo que o comunitarismo (aquele adotado pelos seguidores de Conselheiro) como forma de solidariedade social pode ser uma saída socialmente válida para as grandes contradições que nos coloca o mundo contemporâneo. Como nos mostra Marco Antonio Villa¹⁴, um comunitarismo verdadeiro foi o que garantiu a subsistência e a sobrevivência dos moradores de Canudos. Registra, ainda, que, diferentemente daquilo que ocorreu com o Padre Cícero, a liderança e os princípios religiosos de Antônio Conselheiro afastaram os seus seguidores da política oligárquica e da exploração de qualquer camada dominante.

11. Cf. ROUANET, 1995.

12. CANCLINI, 1990.

13. Como é o caso já emblemática de Machado de Assis em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e em *O Alienista*.

14. VILLA, p. 6. 1997.

Ao enfatizar as diferenças entre o litoral e o sertão, Euclides perturba a noção de identidade nacional. A uma Nação que se queria una, indivisível, cordial, devolve uma face dilacerada, sem qualquer possibilidade de totalização ou síntese.

Paradoxalmente, no entanto, com essa imagem partida, acaba por escrever um texto que dá um sentido à Nação.

ABSTRACT

Os Sertões, by Euclides da Cunha, is considered a classic of Brazilian literature and one of the most powerful accounts of the Brazilian reality. One of the keys to the contemporary success of the book lies in its questioning of the 19th century views of both the nation and modernization.

KEY WORDS:

Modernization in Latin America, Canudos, Euclides da Cunha, Nationhood.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLOOM, Harold. *O cânone ocidental: os livros e a escala do tempo*. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1995.
- BORGES, J.L. *Sobre los clásicos. Antología personal*. Buenos Aires: Emecé, 1968.
- CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad*. México: Grijalbo, 1990.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões: campanha de Canudos*. 27. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1963.
- CUNHA, Euclides da. *Hautes terres (la guerre de Canudos)*. Paris: Métailié, 1993.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. *Intertextualidade: uma prática contraditória. Ensaios de semiótica. Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura*. n. 8. Belo Horizonte: UFMG, 1982.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *Gatos de outro saco*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- HARDMAN, Francisco Faot. *Brutalidade antiga: sobre história e ruína em Euclides. Estudos avançados*. vol.10, n.26. São Paulo: USP, 1996.
- HOORNAERT, Eduarda. *O sonho dos espaços sagrados. Folha de S. Paulo*, 21/09/7.
- LEVINE, Robert M. *O sertão prometido: o massacre de Canudos no nordeste brasileiro*. São Paulo: EDUSP, 1995.
- PAZ, Octavio. *El arco y la lira. México*. Fondo de Cultura Económica, 1992.
- RAMA, Angel. *A cidade das letras*. Trad. Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- ROJANET, Sérgio Paulo. *Canudos chega à Alemanha. Folha de São Paulo*, 19/06/95.
- SANTIAGO, Silviano. *Fechada para balança. Nas malhas da letra: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural no Prim Rep*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Revisão de Euclides da Cunha*. In: CUNHA, Euclides da. *Os Sertões: campanha de Canudos*. 27. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1963.
- VENTURA, Roberto. *Euclides da Cunha e a República. Estudos avançados*. vol.10, n.26. São Paulo: USP, 1996.
- VILLA, Marco Antonio. *A aurora de Belo Monte. Folha de S. Paulo*. 21/09/1997.

CENAS DA CRÍTICA MACHADIANA: A CONSTRUÇÃO DO VESTIDO

Eliane Fernanda Cunha Ferreira
UFMG

Para Lyslei

(...) uma festa de estrondo; as senhoras estavam todas vestidas de verde e amarelo; muitas tinham mandado vir o vestido do Pará, mas foi tolice, porque em Manaus arranjava-se um vestido tão bom como no Pará...

José Veríssimo

Copiar a civilização existente e adicionar-lhe uma partícula é uma das forças mais produtivas com que conta a sociedade em sua marcha de progresso ascendente.

Machado de Assis

RESUMO

Análise das reflexões do crítico Machado de Assis sobre o impasse criado pelos intelectuais brasileiros do século XIX em relação à formação cultural da nação.

PALAVRAS-CHAVE:

Machado de Assis, crítica literária, nacionalidade, identidade.

Machado de Assis, cuja produção ficcional é largamente celebrada, dada a sua acuidade e trato com o tecido literário, contribui também para a formação de uma crítica literária brasileira. Homem do seu tempo, ele, em sua obra, preconiza algumas questões com as quais até hoje se deparam críticos e teóricos da literatura.

Enquanto crítico literário, Machado discordava da “prática analítica” dominante no ideário crítico da época. Para ele, os seus contemporâneos tinham uma